



# entrevistas

***Respondem à entrevista  
os professores Sírio Possenti,  
Neide Resende, Márcia Tomsic  
e Abel Barros Baptista\****

---

\* Sírio Possenti é professor do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP). Neide Resende é professora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação (USP). Márcia Tomsic é professora do Departamento de Língua Portuguesa do Centro Universitário Fundação Santo André. Abel Barros Baptista é professor catedrático do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

## **Entrevista com Sírio Possenti**

1) Passados quase 30 anos desde a publicação do primeiro artigo que originaria o “Por que (não) ensinar gramática na escola”, há algo que tenha mudado (em seu pensamento ou no contexto da discussão)?

**SP.** - As convicções básicas continuam as mesmas. Basicamente, acredito que não se chegou a uma concepção adequada de língua, e não está nada claro que é o melhor caminho para atingir o domínio da escrita. Na verdade, investe-se pouco em trabalho de escrita. A gramática é vista como uma lista de receitas, ou, pior, como uma fonte para resolver questões menores (acabo de ser consultado sobre como se escreve um horário, se 7:30 ou 7h30...). Alunos ainda fazem exercícios e respondem a perguntas meio bobas de interpretação de texto... Mas

sei que muita coisa mudou: que há muitas escolas e um grande número de professores agindo de forma diferente, especialmente escrevendo textos, fazendo livrinhos etc. Aos poucos, algumas coisas mudam.

**2) Os cursos de Letras têm seu currículo separado em dois campos bem definidos: línguas e literaturas. Como o Sr. vê o diálogo entre eles?**

SP. - Em geral, são dois compartimentos estanques. Às vezes três, porque também não se estabelece relação entre as disciplinas de linguística e as de língua portuguesa. Por incrível que pareça. Dado isso, nem devemos nos queixar, eu acho, de resultados meio ruins. Eles até que são bons, considerados certos cursos superiores na nossa área. Alguns usam apostilas...

**3) Que princípios o norteiam e que tipo de procedimentos o Sr. adota no trabalho de orientar pesquisadores?**

SP. - Quando alunos de graduação me dizem que gostariam de trabalhar comigo (fazendo uma monografia ou uma Iniciação Científica), a primeira coisa que peço é que escrevam o que querem fazer. Frequentemente, a resposta é que gostariam de uma conversa antes, mas eu respondo que só converso sobre um texto escrito. Digo que não precisa ser uma "obra", basta que apresente um problema e um corpus mínimo. Se esse passo der certo, peço que leiam certos textos clássicos e que organizem um corpus por sua conta. Que esperem de mim apenas as críticas, as retificações, e não que eu lhes dê o trabalho a ser feito. Às vezes, brinco: digo que quero que aprendam a fazer um trabalho que possam fazer mesmo que eu morra...

**4) A avaliação é um tema muito discutido no âmbito do Ensino Básico; as concepções mais atuais supõem que ela deva ser contínua, processual, formativa, etc. Isso ocorre com a prática de avaliação dos alunos no Ensino Superior?**

SP. - Não sei dizer. Posso falar por mim. Nunca dei uma prova desde que vim trabalhar onde trabalho (faz 32 anos). Meus alunos escrevem pequenos textos (semanais, quinzenais), análises delimitadas de um problema. Para o final do semestre, sempre cobro um "artigo". Ou seja, meus alunos escrevem análises. Mas sei que muita gente dá provas, como nem se deveria fazer no ensino fundamental...

**5) O Sr. considera possível ensinar alguém, como propõem as oficinas literárias, a ser um escritor?**

SP. - É uma pergunta cuja resposta desconheço... Mas aposto que se pode mudar a escrita de uma pessoa interessada em pouco tempo. Vejo isso nas turmas com quem trabalho, e, especialmente, com muitos orientandos de pós-graduação, cujos textos mudam drasticamente em um ano ou dois.

**6) Quais são os principais desafios que precisam ser enfrentados por professores, alunos e gestores dentro dos cursos superiores de Letras hoje?**

SP. - Criar condições para que se leia e escreva. O resto – que é muito – vem por acréscimo.

## Entrevista com Neide Resende

### 1) O ensino de literatura, hoje, ainda está intrinsecamente ligado à ideia de uma formação humana?

**NR.** – Virtualmente sim, mas antes é preciso se perguntar sobre *que literatura é essa que se ensina hoje, ou seja, o que atualmente se ensina na escola quando se ensina literatura*. O ensino de Literatura desde que se instituiu como disciplina autônoma ou como parte da disciplina de Língua Portuguesa tem variado bastante ao longo do tempo. Não quero aqui fazer o histórico do ensino da literatura e de seus objetivos, mas é importante destacar que sob essa denominação entraram diferentes conteúdos: o ensino da história da literatura (ou algo por aí), que ainda hoje é muito recorrente no ensino médio brasileiro e nos livros didáticos dirigidos a essa etapa da escolaridade; a partir da década de 1970, por exemplo, a tais aspectos históricos da literatura se juntou um tipo de análise literária, uma espécie de resíduo do estruturalismo que vingou na universidade nessa época e do qual Todorov se lamenta em *Literatura em perigo*. Essas vertentes didáticas e outras mais antigas convivem na escola, mas com uma peculiaridade interessante: elas prescindem do texto literário. Então se não há leitura efetiva da literatura, nesse caso não há formação *pela* literatura. Fornecem-se informações mas não *formação*. Além disso, também é preciso se perguntar de que formação se trataria se porventura a escola efetivamente mobilizasse o texto literário: não é possível mensurar com objetividade o tipo de aprendizado que a literatura oferece, uma vez que atua em dimensões essencialmente subjetivas; não eleva nem edifica como já disse bem Antonio Candido, mas *faz viver*. O que significa também levar o indivíduo a se transformar em contato com o texto (ou com outras artes, já que o impacto da arte sobre a sensibilidade e o conhecimento não é prerrogativa apenas da literatura).

### 2) É possível formar leitores literários à/na escola?

**NR.** – “Formar leitores” se tornou um jargão: o estudo do texto, longe de ser um espaço de reações individuais e coletivas, se tornou muito mais uma formação concebida como submissão ao texto ou como aquisição de um conjunto de informações que o indivíduo irá esquecer em seguida porque destituída de sentido. Teria antes de mais nada de discutir sobre qual concepção de formação construir um currículo. Precisamos repensar com urgência o aluno – e o leitor – no âmbito da escola contemporânea (aliás, rediscutir também a própria concepção de escola).

### 3) É possível ensinar alguém, como propõem as oficinas literárias, a ser um escritor?

**NR.** – Não sei, acho que é possível sim desenvolver talentos e ajudar a encontrar caminhos, com um bom mediador. Gosto da ideia de oficina literária, acho que elas poderiam vigorar também nas escolas: um espaço onde todos trabalham para desenvolver e burilar aptidões e desejo de escrever é muito mais rico do que um curso de redação, onde se oferecem fórmulas e regras. Numa oficina, é possível compartilhar opiniões, procedimentos, pedir ajuda, ouvir conselhos – pelo menos idealmente. Mas não sei se dá para ensinar a “ser um escritor”, aí já depende de outras coisas.

### 4) Quais os desafios enfrentados pelos professores de Português hoje nas aulas de literatura, ou nas aulas em que textos literários são abordados?

**NR.** – Se de fato houvesse um interesse pela leitura do texto literário (observe-se que “leitura” supõe um leitor, alguém que lê, ao contrário de um “ensino de literatura” que convencionalmente se volta para ensinar o texto a partir do que dizem os especialistas), acho que um dos principais desafios seria o *tempo*. Os relatórios

de estágio dos meus alunos de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa produzidos ao longo dos últimos dez anos vêm progressivamente apontando a pouca ou nenhuma presença do texto literário em sala de aula, substituído, no ensino médio, por simulacros e resumos. Se a leitura não for feita em casa e tiver de ser feita na escola, por exemplo, como administrar o tempo se o professor estiver ciente de que cada um tem seu próprio ritmo de leitura? Leitura de fruição é difícil de ser feita nesse espaço-tempo escolar, mas ainda é possível com textos curtos e com a mediação de um professor que valorize a leitura do texto como acontecimento, como interação texto-leitor no momento em que ocorre, e não só a abordagem dos especialistas. O tempo alargado da fruição é também necessário para se constituir um saber sobre o texto. Porém se configurou na escola o inverso, ou seja, o *saber sobre* a literatura desvinculado da leitura do texto literário tem sido procedimento cujo êxito foi plenamente alcançado nas últimas décadas. O saber *sobre* a literatura é mais rápido, pode ser dado de qualquer jeito, já que, segundo a voz corrente, o “o aluno não lê mesmo”. Os gestores da Educação em São Paulo vêm paulatinamente, desde 2008, conduzindo uma série de iniciativas para subsidiar o trabalho do professor e incrementar o desenvolvimento das habilidades de leitura, todavia, todas têm sido iniciativas marcadas pela inconstância e efemeridade, decerto por fracassarem.

Acredito que no fundo o desafio supremo reside na formação do professor, cuja formação inicial é variadíssima em termos de qualidade; suprir a deficiência com cursos de formação continuada tampouco tem funcionado. Por outro lado, muitos professores, cientes das críticas ao ensino da literatura e da ineficácia dos métodos que utilizam, sentem-se angustiados e divididos entre o desejo de mudança e a obrigatoriedade de manutenção de procedimentos e conteúdos advinda de várias instâncias; porém, sabem que os limites e dificuldades provêm sobretudo de suas próprias incertezas.

#### 5) Os cursos de formação de professores de Letras têm dado conta das necessidades dos futuros professores de Português que também ensinarão Literatura nas escolas?

**NR.** – Não, definitivamente não. Os cursos de Letras continuam a ignorar a perspectiva do leitor e a tentar formar especialistas em crítica literária: os piores cursos transformam essas análises de textos em fetichizações, em formulações descontextualizadas, desprovidas de real consistência teórica; procurando evitar o risco de *subjetivismo* ou *psicologismo* e temendo que o aluno encontre no texto o que não dá pra encontrar, não deixam margem a praticamente nenhuma autonomia do leitor, haja vista a chatice das monografias dos alunos nas disciplinas de estudos literários. Essa prática se reproduzirá também quando por sua vez o egresso da universidade for professor, mas achatada e submetida à representação do ensino de literatura que nele perdura desde os tempos de ensino médio. É recorrente na escola o ensino de certas categorias – personagem plano, redondo, tipo, espaço internalizado, tempo cronológico, tempo psicológico – transportadas técnica e tediosamente dos romances realistas do século XIX e ensinadas sem preocupação com a historicidade das noções e conceitos, como se fossem da essência de qualquer narrativa e, pior, sem precisar ir ao texto literário.

#### 6) As pesquisas e abordagens mais recentes nos estudos literários têm chegado às salas de aula do ensino básico?

**NR.** – Longe disso. Sabe-se que o conhecimento produzido nos centros acadêmicos chega ao professor da escola básica mediado por uma infinidade de instâncias e instrumentos. Como diz João Wanderley Geraldi, o professor contemporâneo está marcado pelo signo da desatualização, pois há cada vez interposições entre ele e as novas teorias. Tomem-se como exemplo as apostilas do governo de São Paulo, que são muito irregulares

## opiniões

– há coisas boas, mas há sobretudo muita coisa malfeita e sem nenhuma consistência teórica.

### **7) A literatura está mesmo em perigo, como propôs Tzvetan Todorov, devido ao jargão que impede a aproximação de alunos ao sentido que ela pode conferir às experiências de vida?**

**NR.** – A literatura não está em perigo, ela vai muito bem, obrigada, como disse Leyla Perrone-Moisés em artigo de 2002, pois cada vez mais se publicam livros de literatura para leitores que compram livros (o jornal *Folha de S. Paulo* de 3/11/2012 traz uma matéria sobre o aumento do mercado de livros no Brasil). O que está em perigo é o ensino na escola, mas o que está em perigo mesmo é a escola em sua configuração atual, que já não responde aos anseios nem às necessidades do indivíduo de hoje.

### **8) Qual o lugar ocupado pela literatura nos currículos escolares?**

**NR.** – Antes a literatura ocupava um papel central, agora ele é secundário. Os estagiários raramente observam uma aula de literatura. Mas não creio que se trata apenas de fazer um movimento para a “volta” da literatura ao currículo. A literatura entre os jovens se transformou: há uma variedade de gêneros e suportes que dividem a fruição e conhecimento que antes eram delegados apenas à literatura dita canônica. É preciso considerar a heterogeneidade, as experiências diversas, as particularidades culturais dos jovens. As novas tecnologias impuseram irremediavelmente para esse novo momento histórico novas formas de aquisição de fruição e conhecimento e sobre elas é preciso refletir e sobre elas é preciso agir.

### **9) Há espaço para rediscutir os cânones nas discussões sobre os currículos do ensino básico e do superior?**

**NR.** – Claro, dialogar com o novo não significa abandonar as obras universais da literatura nem os clássicos nacionais, tampouco esquecer o conhecimento, o refinamento da sensibilidade que algumas dessas obras ainda propiciam para o leitor de hoje. Mas é preciso rever o cânone, que acaba se tornando na escola algo cristalizado e do qual se espera às vezes algo que ele não pode oferecer. Algumas obras se mostram mais como documento histórico, incapazes de propiciar fruição ao jovem atual, então o professor não deve pedir a leitura achando que está “formando leitor”. Ora, o leitor se forma antes de mais nada quando encontra prazer na leitura; depois, esse prazer se tornará mais complexo, para além daquele produzido pelas artimanhas do enredo. Além disso, a escola não pode mais ignorar a voz dos jovens e que esses jovens já não aprendem só por meio da escola, sendo esta apenas *uma* das formas de aquisição de saber no mundo contemporâneo. Às vezes nos surpreendemos quando paramos para ouvi-los de verdade. Talvez seja esta a formação contemporânea do aluno, na qual se vislumbra um novo humanismo: buscar compreender quem são estes jovens deste tempo que vivemos, o que eles leem, o que os faz vibrar, como nos posicionar ao lado deles, junto com eles, e não contra eles; o que eles pensam do que leem, e como eles são lidos pelos textos, como ajudá-los a conhecerem a si e ao mundo em que vivem. Penso que a partir disso poderemos compartilhar de fato um ensino da “tradição” e uma literatura mais “adulta” e “universal”. Nesse sentido, não se trata tão-só de uma nova didática da literatura, trata-se também de uma transformação ética.

## Entrevista Márcia Tomsic

### 1) Como a Sra. vê o ensino de língua materna, no Ensino Básico e no Superior?

**MT.** - Teoricamente, a fase do Ensino Básico deve criar no aluno a capacidade de aumentar sua percepção sobre o conhecimento geral que a humanidade disponibiliza, além de possibilitar-lhe saber como e onde buscar a informação. A língua materna é a ferramenta essencial para isso. Independentemente da área temática, das condições socioeconômicas e, mesmo, culturais em que a pessoa viva, sem o domínio desse instrumento, não haverá possibilidade de crescimento. A fase do Ensino Superior deveria ser aquela em que a pessoa, já possuidora da habilidade discursiva, aumentasse seu repertório específico em uma área, contribuindo, por decorrência desse aprofundamento cognitivo, com o conhecimento da população humana. Como, de um modo geral, em nosso país, não se cumprem as expectativas da primeira fase da escolarização, o desmantelamento do Ensino Superior tem sido assustador. Considerando que a estrutura sociopolítica, aquela que dá autonomia ao país, é resultante de sua massa crítica, a qual, por sua vez, decorre do domínio sobre o conhecimento, o risco que corremos como nação é imenso.

### 2) Os cursos de Letras têm seu currículo separado em dois campos bem definidos: línguas e literaturas. Como a Sra. vê o diálogo entre ambos?

**MT.** - Língua e literatura, talvez, representem, no mundo extrafísico, a dicotomia mais perfeita, segundo o conceito platônico, pois cada uma representa, em si, o todo resultante da soma das duas partes. A literatura só existe por meio da língua. A língua, ao existir, produz a literatura. Ironicamente, a escola — tanto a Superior como, conseqüentemente, a Básica — consegue separá-las, extrapolando a intenção didático-pedagógica, que faria da

distinção um instrumento para melhorar a exploração. E, então, exagerando, precisamos de uma lei que obriga a interdisciplinaridade. Para conseguir esse efeito, seria preciso que os professores, de fato, se reunissem, com a finalidade de criar o entendimento sobre o que é essa unidade. Além de outras limitações, opera, nessa realidade, a luta contra o relógio, em duas direções: os alunos, cada vez menos instrumentalizados discursivamente, usam muito de seu tempo no Ensino Superior, tentando recuperar as lacunas que trouxeram da Educação Básica, o que inclui, também, a tentativa de aprender a dominar técnicas de estudo. Os professores, além de viverem a realidade do emprego horista, procuram manter-se ativos, segundo sua especialização, mestrado ou doutorado, em que desenvolveram, na maior parte dos casos, um dos dois lados.

### 3) As pesquisas e abordagens mais recentes nos estudos linguísticos têm chegado às salas de aula do Ensino Básico?

**MT.** - Penso que seja necessário registrar a grande diferença que existe entre as realidades das escolas de Ensino Básico. Há escolas medianas da rede privada, geralmente, atreladas aos chamados “sistemas de ensino”; escolas de alto padrão, ainda da rede privada, e as escolas da rede oficial pública de ensino. Nessas últimas, onde está o maior contingente de alunos do país, as pesquisas se instalam muito vagarosamente, às vezes, com distorções evidentes. De certa forma, retomam-se aqui os efeitos do processo apontado nas respostas anteriores.

### 4) Na sua percepção, que profissionais do ensino, autores ou críticos literários os cursos de Letras têm formado? Quais os desafios enfrentados por eles em seus campos específicos de trabalho?

**MT.** - Também aqui, faz-se necessário o cuidado com a observação de que há diferenças muito grandes entre os

tipos de formações por que passam esses profissionais. De um modo geral, não sinto que haja uma conscientização suficiente para produzir as mudanças de que o país precisaria. Isso seria o resultado ou de uma formação fraca, que não compõe satisfatoriamente o perfil mínimo do recém-formado, ou da formação elitista, que normalmente afasta o profissional de um trabalho com e para a grande massa populacional.

**5) A avaliação é um tema muito discutido no âmbito do Ensino Básico; as concepções mais atuais supõem que ela deva ser contextualizada, contínua, processual, formativa etc. Isso ocorre com a prática de avaliação dos alunos no Ensino Superior?**

**MT.** - De um modo geral, na realidade que conheço, não. Falta ao ambiente organizacional da escola a transformação das intenções em aplicações de fato. Isso demanda disponibilidade para questionar, tempo para debater, coragem para enfrentar resistências, entre outras muitas qualidades que os professores e administradores precisariam desenvolver.

**6) Quais são os principais desafios que devem ser enfrentados por professores, alunos e gestores dentro dos cursos superiores de Letras hoje?**

**MT.** - Penso que o maior desafio seja o desenvolvimento da consciência. É preciso que haja uma razoável dose de consciência de si mesmo, antes que se possa perceber o que acontece ao redor. Sem isso, não ocorre sequer a identificação do problema, em nenhuma das áreas, em nenhum nível. Seria bom se todos, professores, alunos, gestores, aprendessem, ou reaprendessem, a ouvir: ouvir a si mesmos e ouvir ao outros. Afinal, essa é a primeira das nossas habilidades como humanos. E é a que possibilita o desenvolvimento de todas as outras.

## Entrevista com Abel Barros Baptista

**1) O que o motivou a estudar textos literários brasileiros? O objeto aparece por decorrência das reflexões teóricas que aparecem no ensaio "Ensinar literatura brasileira em Portugal" ou a escolha foi anterior a elas?**

**ABB.** - O que me conduziu à literatura brasileira foi o encontro com a obra de Machado de Assis. Na verdade, tudo isto é muito contingente. Conheci Machado de Assis por acaso, e esse acaso acabou por me colocar em melhor posição para ocupar um lugar de professor assistente de Literatura Brasileira na Universidade Nova de Lisboa quando a vaga abriu. Ocupando essa vaga, vi-me obrigado a estudar literatura brasileira. Talvez pudesse dizer que me vi obrigado a inquirir a razão de Machado na literatura brasileira, mas isso só veio depois. Calhou, em suma. As elaborações que publiquei no ensaio «Ensinar Literatura Brasileira em Portugal» são muito posteriores e tentam refletir quer o estudo quer a experiência de ensino. Constituía, aliás, o capítulo de abertura de um relatório que apresentei para um concurso posterior, para uma posição intermédia na hierarquia académica, quando tinha já quase 20 anos de experiência de ensino da Literatura Brasileira.

**2) Na apresentação de seu *O livro agreste*, o Sr. escreve que "a noção do que seja ensinar literatura não é separável do que seja a mesma literatura". Nesse sentido, que competências o Sr. considera que um bom professor de literatura, um bom crítico e um bom escritor deveriam desenvolver?**

**ABB.** - A resposta só pode ser sumária, tão complexo é o assunto. As três profissões que indicam exigem bons leitores: ninguém escreve ou critica ou ensina sem ser

bom leitor, quer no sentido da competência aperfeiçoada quer no sentido da assiduidade da actividade de ler. Ao professor pede-se ainda entusiasmo, ao crítico, coragem, ao escritor é que não se deve pedir senão que escreva.

**3) Que princípios o norteiam e que tipo de procedimentos o Sr. adota no trabalho de orientar pesquisadores?**

**ABB.** - O princípio fundamental é o da liberdade, isto é, creio que o orientador deve contribuir para que o pesquisador leve por diante e conclua com êxito a tese, dissertação, projecto., etc., que lhe interessa, não aquele que o orientador julga mais útil ou mais conforme aos seus interesses ou opiniões. Isto é muito difícil, porque a fronteira é sempre instável, nunca se sabe quando a boa orientação não descamba em exercício de controle. A minha tendência, por isso, é para deixar o pesquisador livre, não exigir relatórios ou encontros regulares e apertados, não reclamar resultados, mas estar em contrapartida disponível para o necessário e quando necessário. Acaba por ser um método bastante informal, talvez pouco compatível com o curso atual da pesquisa e da universidade, mas tenho-me dado bem com ele.

**4) A avaliação é um tema muito discutido no âmbito do Ensino Básico; as concepções mais atuais supõem que ela deva ser contínua, processual, formativa, etc. Isso ocorre com a prática de avaliação dos alunos no Ensino Superior?**

**ABB.** - A minha experiência diz-me que a avaliação dos alunos é a mais diversa: na mesma universidade tenho visto conviverem lado a lado métodos de avaliação "liceal" com procedimentos que deixam o estudante livre para o exercício da crítica e da liberdade. Creio que é pouco útil impor modelos, e o essencial é definir

princípios de avaliação adequados à natureza do ensino universitário: valorizar a criatividade e a imaginação, valorizar o sentido crítico, valorizar a capacidade de orientação entre perspectivas diversas, valorizar a capacidade de escrever sobre o que se procura conhecer.

**5) Quais são os principais desafios enfrentados por professores, alunos e gestores dentro dos cursos superiores de Letras em Portugal hoje?**

**ABB.** - Os desafios enfrentados hoje são muitos, sendo o pior a crise econômica que atravessa a Europa e vitimou Portugal com muita violência. Mas à parte isso, o pior desafio é vencer a estrutura de desvalorização do conhecimento que está montada à volta da escola e no próprio interior da escola. Encara-se o ensino como atividade orientada para a formação de profissionais e desvaloriza-se a aprendizagem, o conhecimento, a atividade intelectual. Em conjunturas de crise, como a atual, com enorme falta de emprego, a tendência para depreciar os cursos que não asseguram ocupação estável e imediata é muito grande. Os cursos de Letras são obviamente dos primeiros a sofrer nesse quadro.

**6) Em sua concepção, o que deveria trazer e como poderia ser organizado o currículo de um bom curso superior de Letras?**

**ABB.** - A meu ver, deveria seguir três princípios: a) a literatura como eixo da formação do estudante; b) a formação literária baseada na livre escolha e não num *currículo* definido pela escola (uns estudariam modernismo, outros romantismo, uns poesia, outros ensaio, e tudo teria equivalência definida apenas pelos créditos respectivos); c) a formação literária deveria ser conjugada com sólida formação noutras áreas como história, antropologia, história da arte, linguística, etc., que caberia também ao estudante procurar e organizar de acordo com o sentido da sua formação literária.